
SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

Serviço ao próximo: perspectivas fundamentais

1. Serviço ao próximo
Ônus e desafio 13
2. Serviço ao próximo
Entre a toalha e a túnica 25
3. Humildade
Postura de servo 33

SEGUNDA PARTE

Serviço ao próximo: o processo

4. Abertura
Acolher os outros junto a si 47
5. Aceitação
Mostrar respeito pelos outros 73
6. Confiabilidade
Fortalecer a confiança nos relacionamentos 99
7. Aprendizado
Buscar informações que transformam 115
8. Aprendizado
Bases bíblicas para a transformação 139
9. Compreensão
Enxergar com os olhos dos outros 161

10. Serviço ao próximo

Representar Cristo aos outros..... 185

TERCEIRA PARTE

Serviço ao próximo: os desafios

11. O servo e a liderança..... 199

12. O servo e o poder..... 215

13. O servo e o mistério..... 227

14. José, exemplo de servo 241

Bibliografia 249

Primeira parte

Serviço ao próximo:
perspectivas fundamentais

SERVIÇO AO PRÓXIMO

Ônus e desafio

Não sei o que o futuro nos reserva, mas uma coisa sei: os únicos realmente felizes serão aqueles que procurarem aprender a servir ao próximo.

ALBERT SCHWEITZER

Não fomos chamados para ajudar as pessoas. Fomos chamados para seguir a Jesus, em cuja obra descobrimos quem somos e como podemos ajudar e ser ajudados.

STANLEY HAUERWAS E WILLIAM H. WILLIMON

— O que você quer para o café amanhã cedo? — minha esposa perguntou. A resposta fluiu automaticamente:

— Ovos, bacon e torrada.

Ainda estávamos em lua de mel, e aquele seria o primeiro café da manhã que ela prepararia para nós. Na manhã seguinte, ouvi barulho de panelas e frigideiras e em instantes um aroma inebriante chegou-me às narinas. Ao chamado “está pronto”, fui rapidamente para a cozinha e ali encontrei minha esposa sentada à mesa pequena, onde uma vela tremeluzia; a expectativa era visível em seus olhos. Sentei-me e disse:

— Vamos agradecer a Deus.

Mas antes de fechar os olhos para orar, notei o que estava no meu prato. Surpreso, perguntei:

— O que é isto?

Minha esposa respondeu:

— Ovos, bacon e torrada, como você pediu. Por quê? — A preocupação tomou o lugar da expectativa. Como quem não quer nada, retruquei:

— O que você fez com os ovos?

— Eu os cozinhei. Por que pergunta isso? — ela quis saber.

Foi a minha vez de entrar no jogo e responder com uma pergunta, o que não estava nos levando a nenhum lugar agradável.

— Por que alguém faria algo tão imoral a um ovo? — perguntei meio sério, meio brincando. Tarde demais para brincadeiras. Fiquei esperando um diálogo sobre a arte de cozinhar ovos, contudo, minha esposa já havia se retirado, em lágrimas.

Essa desavença estava fadada a acontecer. Minha esposa, nascida e criada no Zimbábue por uma mãe canadense, trouxe uma forte influência britânica para o nosso casamento. Eu, nascido na zona rural do estado de Wisconsin, meio-oeste americano, em uma comunidade suíça, fui criado à base de ovos fritos de gema mole, montanhas de bacon e torradas crocantes. De vez em quando, minha mãe fazia ovos mexidos só para “ampliar nossos horizontes”; entretanto, sabíamos que no dia seguinte ela retornaria à velha dieta. Nunca tinha visto um ovo cozido em toda minha vida, e quando me deparei com aquele ovo que mal fora cozido (ou melhor dizendo, que mal fora aquecido!), em meu prato, minha diplomacia se perdeu na confusão em torno de uma simples diferença quanto à forma de saborearmos ovos.

Fui desastrado ao lidar com o desejo de minha esposa de me servir com esse gesto singelo, porém significativo. Eu não estava pensando em servir ao próximo. Não entendi a história de vida de minha esposa, e ela não entendeu a minha. Nós dois nos sentimos rejeitados. O que deveria ter sido um momento de ternura acabou azedando.

Essa história destaca a simplicidade e a complexidade do serviço ao próximo. Ele se revela em atos singelos do dia a dia. No entanto, também é de certa forma complexo, porque servir ao próximo é algo que se define culturalmente, ou seja, que tem de ser sensível ao contexto cultural e, ao mesmo tempo, manter-se fiel à Bíblia. Nisso estão o desafio e o ônus de servirmos ao próximo — e deste livro.

As páginas seguintes farão uma exposição dessa ideia de servir ao próximo. Embora não seja fácil, esse é o chamado de todos os que desejam seguir Jesus. Os princípios deste livro se aplicam a uma vasta gama de cristãos; de certa forma, aplicam-se a todos os que desejam servir ao próximo. Ilustrações extraídas dos mais diferentes contextos — como casamentos, ministérios urbanos, programas de desenvolvimento comunitário, casos de plantação de igreja, institutos bíblicos e seminários, atividades de assistência e desenvolvimento social e iniciativas de reconciliação — demonstrarão a relevância desses princípios nas mais variadas situações. Uma vez que esses conceitos são baseados na Bíblia, em pesquisas transculturais e em experiências de pessoas do mundo inteiro, o público-alvo não são apenas os ocidentais, mas todas as pessoas que desejam servir a Deus e ao seu povo em qualquer lugar da Terra. Quer você seja novato, quer seja veterano no ministério; quer esteja envolvido com assistência social, desenvolvimento comunitário, plantação de igreja, um seminário; quer seja alguém da área médica; quer o ministério aconteça na zona rural ou urbana, este livro irá ajudá-lo a alcançar sua prioridade maior: servir a Deus e àqueles que estão ao seu redor.

O FILHO DE DEUS ENTROU NA CULTURA HUMANA

Os meios que nos tornam eficazes em um contexto cultural são também nossos principais meios de servir ao próximo. Servimos

aos semelhantes por meio de um relacionamento de amor e compromisso mútuo. O apóstolo Paulo declarou: “Assim, graças ao grande afeto por vós, estávamos preparados a dar-vos de boa vontade não somente o evangelho de Deus, mas também a própria vida” (1Ts 2.8). Em seus estágios iniciais, o serviço ao próximo é mais bem aceito se estivermos dispostos a nos ajustar aos padrões da cultura local, inclusive à aprendizagem de um novo idioma. Jesus se inseriu no contexto humano (Jo 1.14), ajustou-se à cultura judaica (Lc 2.52) e viveu entre nós para, no tempo determinado, redimir todos os que nele cressem. Isso, obviamente, é servir de forma eficaz. Jesus nos serviu primorosamente em todas essas três áreas, indicando que é assim que devemos servir aos outros.

Este livro fala do serviço ao próximo e concentra-se em fatores ligados a relacionamento e adaptação. Acho que, em geral, as pessoas são bem preparadas para desempenhar as tarefas que recebem, ou seja, têm competência técnica para realizar o trabalho, pois escolas e cursos de treinamento são voltados para as habilidades profissionais. Este livro, porém, concentra-se nas competências de relacionamento e de adaptação, de modo que o espírito de servo que desejamos mostrar seja, de fato, visto e valorizado pelos que nos cercam. Para que cada uma dessas competências seja eficaz, todas as três devem estar presentes na vida de quem serve.

UMA TAREFA NADA NATURAL

Admito que quem escreve um livro sobre serviço ao próximo certamente é um pouco audacioso — ou talvez mais do que um pouco. De fato, servir ao próximo é uma tarefa nada natural. Além de conhecer bem o assunto sobre o qual discorrerá, quem escrever sobre esse assunto deve viver de modo consistente com o que escreve. Poucos cristãos que conheço diriam que são servos, e muito menos

que vivem como servos. A maioria de nós, contudo, tem essa ambição. Escrevo este livro para as pessoas que desejam ser servos, entre as quais eu me incluo.

Também não alego saber tudo sobre o assunto e, certamente, não me orgulho de ser um exemplo de servo para o restante da humanidade. É bem provável que eu tenha mais dificuldades nessa área do que qualquer outra pessoa. Na verdade, acho que estou abaixo da média nesse assunto.

Para terminar, gostaria de dizer que não foi decisão minha escrever este livro. Faz quinze anos que leio e pesquiso esse assunto, coletei pilhas de artigos e ideias e entrevisto pessoas em inúmeros países. Muitos dos que me ouviram discorrer sobre o assunto perguntaram se o material existia em forma de livro; não existia, até agora. No entanto, adiei escrevê-lo de todas as maneiras possíveis, na esperança de evitar esse momento. Mas aqui estou eu, escrevendo, embora ainda com certa resistência, pois me sinto totalmente inadequado. Porém, estou convencido de que este livro foi gerado por Deus — pelo menos, essa é a minha oração.

Tenho convivido com missionários durante boa parte da minha vida adulta; aliás, eu mesmo fui um deles em grande parte da minha vida, e posso dizer que um objetivo comum a todos é o de ser um “servo”. Afirmações como “Quero servir a Deus, servir ao povo, servir à igreja” são frequentes nessa comunidade de pessoas e, certamente, expressam um desejo digno e bíblico.

Enquanto ouvia futuros missionários descreverem seu desejo de servir as pessoas, também viajava muito por outros países. Ao fazer novas amizades e retomar contato com velhos conhecidos de diferentes culturas, fazia a eles a mesma pergunta: o que os missionários poderiam fazer para ministrar o evangelho de forma mais eficiente em seu país? Não tinha certeza do que esperava ouvir, mas

as respostas me surpreenderam. Muitos disseram que valorizavam a presença missionária e o amor que sabiam que esses pregadores sentiam por todos no campo. Mas muitos também disseram, com hesitação, porém convictos, que “os missionários poderiam ministrar o evangelho de forma mais efetiva se não pensassem ser tão superiores a nós”. Vários disseram exatamente essas palavras e outros responderam com declarações muito próximas a isso. Fiquei atordoado. No começo, pensei que estava falando com algumas pessoas descontentes. Entretanto, ao longo do tempo, percebi que suas motivações eram puras e que seus comentários foram feitos com base em uma profunda preocupação com a integridade do evangelho em seus países.

MINHA CONFISSÃO

Ao retornar à África do Sul e conversar com alguns de meus ex-alunos, aprendi com eles que eu também me enquadrava na categoria dos que se veem como superiores. Eu não sabia disso na época e ficaria arruinado se soubesse, mas era verdade. Essa era a minha atitude e isso estava claro para todos. Tenho vergonha de admitir isso.

A necessidade de professores era crítica e não havia tempo para aprender mais sobre aqueles alunos e o novo contexto. Como as aulas eram em inglês, eu poderia iniciar tudo. Mas eu só sabia ensinar com base em meu contexto cultural e, portanto, minhas ilustrações e exemplos só faziam sentido para uma igreja e audiência dos Estados Unidos. Os problemas que os crentes sul-africanos enfrentavam eram muito diferentes. Além disso, não sei se minha habilidade para aprender com os outros estava desenvolvida naquela época. Por consequência, dava minhas aulas e voltava para casa no final do dia sentindo-me bem por ter “ensinado”. Uma